

THE USES OF LITERACY: UMA CULTURA EM XEQUE

André Luiz Glaser*

Gostaria de centrar minha exposição no que considero a tensão central do livro de Hoggart, a saber, a presença formal em *The Uses of Literacy*, publicado em 1957, da não resolução teórica de um problema de foco na organização de sua análise da classe trabalhadora inglesa, sua classe de origem. Organizado em duas partes, tendo a primeira como objetivo a descrição do modo de vida tradicional da classe operária inglesa da primeira metade do século, e a segunda as pressões e conseqüentes mudanças em andamento devido à influência avassaladora da nova cultura comercial de massa nos moldes americanos, seu livro pode ser definido como um marco sociológico na abordagem acadêmica da classe operária, talvez a primeira exposição séria desta classe por um de seus membros.

Ao descrever a cultura da classe operária inglesa na primeira metade do século, Hoggart nos alerta para o fato de estar retirando suas observações de Leeds, onde viveu sua infância. Daí o caráter parcialmente biográfico de sua descrição. Contudo, trata-se também de um estudo sociológico, uma abordagem científica de uma cultura específica. Para tal, Hoggart faz uso de uma tradição crítica literária. É da mescla destas três principais linhas de pensamento que surge *The uses of literacy*. Ao ressaltar as dificuldades com as quais está lidando, em virtude desta variedade não usual de referências em um trabalho de caráter acadêmico, Hoggart refere-se sempre ou à uma tendência de tornar o geral particular, criando caricaturas ao invés de descrever a realidade, ou ao seu oposto, à tendência de generalizar uma experiência particular, universalizando experiências próprias. Entretanto, em nenhum momento Hoggart nos alerta para a possibilidade de estar usando de forma inadequada os

* Mestrando na área de literatura inglesa - USP

recursos crítico-literários que o tornaram um intelectual.¹ Assume sem restrições o uso dos instrumentos da tradição crítico-literária liberal-conservadora, em especial do “*close reading*”. Como consequência, Hoggart aceita certas regras e estabelece certas alianças (principalmente com Leavis e Mathew Arnold, como veremos adiante) que iluminam sua fraqueza ao desenvolver um trabalho cujo objetivo seria apontar rumos para a solidificação e amadurecimento da cultura operária.

Um dos pontos de partida de Hoggart é a necessidade de rever uma abordagem deficiente da classe trabalhadora inglesa por trabalhos anteriores com os mesmos objetivos, como o conhecido *Fiction and the Reading Public*, de Q. D. Leavis. Para ele, falta nesta tradição a compreensão mais profunda das complexidades do modo de vida da classe operária, não raro vista como um amálgama disforme, passivo e com poucos sinais de vida. Para Hoggart, a classe operária não só não é passiva, mas é definida como coesa, respondendo a uma forte lógica interna determinada pela sua tradição. Trata-se de uma vida rica e complexa. Porém, ao descrever esta riqueza e complexidade, Hoggart aproxima-se da mesma tradição que gerou o trabalho da Senhora Leavis - a teorização de uma comunidade vigorosa rural anterior à degradação do mundo após a Revolução Industrial e consequente sedimentação do capitalismo como sistema detentor do poder. Para Leavis, a perda da comunidade orgânica, no movimento do rural para o urbano imposto pela industrialização, significou a perda de uma língua concreta, em íntima relação com o frescor e a virilidade da vida de uma comunidade real, para uma abstrata, infectada pelas regras do utilitarismo capitalista. Termos como “saudável”, “muscular”, “vigoroso”, bastante comuns para Leavis, recorrem com frequência em *The Uses of Literacy*. Ao descrever seu mundo de infância, Hoggart acaba por idealizá-lo através das lentes desta tradição. O que resulta é uma estranha

¹ Francis Mulhern desenvolve esta questão com grande lucidez em seu *Culture / Metaculture*, London, Routledge, 2000.

mistura entre comunidade orgânica e classe, entre uma teoria fundamentada na percepção de uma comunidade rural entendida como um todo social e a análise de um fragmento de uma sociedade, uma classe, que há algumas décadas trocou sua realidade rural pelo mundo urbano. Ao projetar a comunidade orgânica no mundo da classe operária, Hoggart fecha-se para qualquer concepção de interação das classes em um todo social, posição ironicamente oposta ao organicismo de Leavis, o que resulta no estudo da classe operária como um organismo auto-suficiente cuja história só se realiza nos limites de suas próprias fronteiras.

Se nos atermos à primeira e à segunda parte de *The Uses of Literacy* separadamente, notamos que a oposição das duas metades é tão clara quanto contraditória - uma cultura capaz de filtrar apenas o que lhe é útil (*The working-classes have a strong natural ability to survive change by adapting or assimilating what they want in the new and ignoring the rest*²), surge agora em vias de perder sua capacidade de ação (*So the noiseless 'unbending of the springs of action' continues and increases. So there must eventually disappear the sense of tension in living, and with it any real taste for its challenges*³). Hoggart nos explica detalhadamente como isto é possível: o mundo externo da cultura de massas faz sua entrada na classe operária através de elementos desta própria classe, legitimando assim seus objetivos escusos através da identificação com atitudes tradicionais da classe operária.⁴ Estas atitudes são apropriadas segundo sua possibilidade de distorção. A *tolerância* se torna uma indulgência artificial, um vale tudo indiscriminado, uma falta excessiva de senso crítico para o que é nocivo. O *senso de grupo*, por sua vez, tende a um igualitarismo democrático lânguido, uma passividade e enfraquecimento do indivíduo e cega aceitação dos valores do grupo, um caminho que vai do “eu sou tão bom quanto você” para o “você não é melhor do que eu”, um nivelamento por baixo e perda do vigor de ação. Quanto à necessidade de viver o presente, esta caminha para

² HOGGART, Richard. *The Uses of Literacy*. London, Penguin Books, 1992, pp. 32

³ Ibid., pp. 196.

⁴ Ibid., pp. 170.

um progressismo artificial, uma aceitação indiscriminada dos novos instrumentos de entretenimento de massa. 'Ser moderno' torna-se uma necessidade em si mesma, um meio tornado fim. Quanto às demais qualidades, não exploradas diretamente pela cultura de massa, estas Hoggart descarta de seu estudo por supostamente não serem relevantes ao tema em questão. Entre elas, exclui a política, vista como a atividade de uma minoria distante da realidade cultural de sua classe. O que fica é a pergunta: Ao deixar de dar atenção ao que é descartado pela cultura de massa, não estaria Hoggart utilizando um mesmo critério de valores, sobrevalorizando as qualidades mais exploradas em oposição às menos 'interessantes'? Desta forma, o autor estaria evitando uma questão talvez mais importante - Por que certas esferas da cultura com uma forte história, como a política, parecem ser propositadamente abandonadas pela nova indústria da cultura? Parece-nos que a resposta estaria em um esforço por parte dos agentes das novas formas massificadas de entretenimento para enfraquecer o que ofereceria uma resistência ativa (refiro-me aqui a uma oposição consciente e organizada) em muito superior à resistência passiva oferecida pelas qualidades realçadas por Hoggart (o termo 'passiva' remete, usando um termo caro a Hoggart, a uma oposição 'resiliente', mais na esfera da auto-preservação, sem senso de orientação em espaços 'exteriores', fora de sua comunidade fechada). Ao desprezar as qualidades da classe trabalhadora que teriam um maior potencial coletivo de organização Hoggart define seu pensamento: para ele a força política não emerge de uma classe como um todo, mas sim de uma minoria esclarecida da qual, como veremos, ele próprio faz parte.

Entretanto, Hoggart, numa passagem em que trata dos novos jornais populares, nos diz que estes combinam seu sensacionalismo com um radicalismo fácil, vagamente progressista e moral⁵ Ora, se os jornais populares preocupam-se em veicular o que Hoggart nomeia

⁵ Ibid., pp. 220.

“radicalismo fácil”, e se, como também Hoggart nos deixa claro, a media de massa atingem a classe trabalhadora a partir dos elementos de sua própria cultura, dando-lhes nova forma, é de se suspeitar que este pseudo-radicalismo toma o lugar de um radicalismo real, uma necessidade de fazer política ainda presente na classe trabalhadora inglesa da primeira metade do século. Em *The making of the English working class* Thompson toma como eixo principal de seu raciocínio o amadurecimento dessa consciência política na primeira metade do século XIX. A julgar pelas fortes evidências apresentadas pelo historiador, principalmente com relação às articulações e à forte organização política dos grandes movimentos radicais da *working-class*, fica difícil aceitar a descrição que Hoggart faz da *working-class* como apolítica em sua essência. Ao contrário, poderíamos sugerir que a *working-class* ainda possuía uma consciência política sustentada por sua história, e enfraquecida, entre outros fatores, pela cultura de massa com seu forte elemento de desagregação política, uma vez que, como veremos adiante, responde à lógica do indivíduo como consumidor, e não à lógica do cidadão como parte de um todo social.

Ao tornar irrelevante toda e qualquer forma de radicalismo político da classe trabalhadora, Hoggart não percebe as fortes raízes conservadoras de seu próprio discurso. Sua comunidade orgânica reduz-se a uma classe sem consciência de sua própria condição, a um mundo 'musculoso' e alienado anterior à invasão americana. Partindo desta linha de raciocínio, Hoggart comete talvez o seu erro mais evidente - aceita como parte intrínseca de sua cultura 'orgânica' uma das construções ideológicas só possível com a Revolução Industrial e sua exploração ao máximo da alienação do trabalho assalariado: a separação radical entre trabalho e entretenimento. Alheio ao desenvolvimento histórico da criação do lazer 'em si' como consequência lógica do trabalho alienado, Hoggart nos diz que, com relação ao mundo oferecido pela nova cultura, a classe trabalhadora a utiliza apenas como um escape, algo que é desfrutado mas com a ressalva de não ter conexão com a vida real. Em seguida, afirma que

esta atitude teria mesmo um valor utópico, apresentando uma visão de uma outra ordem,⁶ afirmação que acaba por não encontrar respaldo em sua moldura teórica, a menos que a consideremos como uma visão de uma ordem mais antiga.

De qualquer modo, tom otimista de Hoggart obscurece a realidade. É correto que a classe operária tem, por muito tempo, vivido a cultura de massa como um escape. Mas é tendencioso supor que esta seja não só uma conquista, mas ainda uma virtude desta classe. A necessidade do 'tempo de lazer planejado', com seu convite para o mundo da fantasia, não é uma invenção americana que, como uma *infecção*, penetra no organismo vivo de uma comunidade, retirando suas resistências. Trata-se do desdobramento de uma lógica sistêmica gerada *na* Inglaterra do final do século XVIII, e cujos frutos nocivos a *working-class* consome desde sua gestação. Esta só pode existir dentro de um sistema de apropriação dos bens de produção e instauração do trabalho assalariado em massa. Qualquer estudo sobre as virtudes da classe operária que não leve em conta esta realidade histórica está sujeito a distorções grosseiras da história.

Hoggart fala em preservação da cultura popular e em melhora de vida material para a *working-class*, mas jamais subverte a noção de classe implícita nesta cultura, mantendo-a teoricamente subalterna dentro de uma hierarquia social que não pretende alterar. Indo mesmo mais além, como veremos com mais detalhes no próximo capítulo, Hoggart sugere que esta melhora material se desencadearia não com uma tomada de consciência da própria classe operária, mas sim sob ação de uma minoria esclarecida. Uma vez alcançado o estágio de satisfação mais *elevada*, a reforma estaria cumprida. A mensagem implícita parece ser: preservemos a cultura da classe trabalhadora e a ordem antiga será restabelecida.

Ao tratar da falsa generalização por parte dos intelectuais de classe média, quando em contato com indivíduos 'excepcionais' da classe trabalhadora, Hoggart nos diz que

⁶ Ibid., pp. 238.

estes, graças às suas qualidades inatas (*They would be exceptional people in any class*), ultrapassaram as fronteiras de sua própria cultura e tornaram-se também intelectuais. O que me chama a atenção, a princípio, é que Hoggart não critica o sistema de seleção que determina quem será escolhido para ocupar os cargos disponíveis aos intelectuais do outro lado do muro. É claro que há certas pessoas que tem maior habilidade para a atividade intelectual abstrata. Porém, antes de qualquer generalização, é preciso levantar ao menos duas questões: 1. Quanto desta atividade é fruto de uma propensão puramente genética, ou, para os metafísicos, 'espiritual', e quanto é determinado por todo um complexo de relações sociais e condições materiais dentro de uma determinada sociedade? 2. Mesmo que haja uma minoria intelectualmente 'superior', quem define este critério de valores? Superior para quê, e a serviço de quem? Diante das incontáveis atividades humanas por que então considerar certa atividade intelectual, em estreita relação com o desenvolvimento da vida urbana no mundo moderno, como uma qualidade essencialmente 'superior'?⁷ Se, como Hoggart nos diz, estas pessoas 'especiais' seriam especiais em qualquer classe, revelando menos sua classe do que sobre eles mesmos, então a qualidade intelectual nos moldes por ele propostos eleva o indivíduo acima do próprio conceito de classe. Porém, foi o próprio desenvolvimento da vida urbana, com suas diferentes ofertas de entretenimento e de estudo (particularmente após os *Educational Acts*), que possibilitou que garotos da classe operária desenvolvessem o raciocínio lógico nos moldes burgueses. É o próprio Hoggart quem nos mostra as pressões dos pais sobre os filhos, incluindo sua própria família, para a aquisição destes 'talentos'.⁸ Conseguir uma bolsa de estudos representava, para um membro da *working-class*, subir na vida. Diante de fortes pressões sociais, não é de se espantar que muitos acabassem por desenvolver tais qualidades. Ao discutir a *ladder system* em sua crítica a Hoggart, Williams

⁷ Refiro-me aqui principalmente a Georg Simmel, em seu trabalho pioneiro no estudo das relações entre vida urbana, abstração monetária e abstração intelectual. Ver 'The metropolis and mental life', in *The Sociology of George Simmel* (Ed. Kurt H. Wolff). Illinois, The Free Press, 1950.

⁸ Ibid., pp. 26.

subverte a metáfora com grande habilidade. Se a imagem sugere ascendência, Williams nos diz que, de acordo com as necessidades da sociedade industrial, *the number of those who have gone up the ladder and down the wall has steadily increased*⁹. Não se trata, para ele, de elevar-se de um patamar a outro, mas de ultrapassar o muro. Aceitar os valores hegemônicos sem criticá-los equivale a tornar absoluto o que é histórico. Hoggart parece cometer tal erro, o que o leva, no final de seu livro, a fazer uma estranha aliança com Mathew Arnold. Cita o crítico em uma passagem em que defende seu “eu melhor”, *best self*, que sempre tende a elevar o pequeno número que o possui acima de sua classe, tornando sua característica básica sua humanidade. O fato é que para Hoggart há uma importante verdade nesta passagem,¹⁰ que pode ser traduzida na existência desta minoria esclarecida, repleta de *humanidade* e cuja missão é elevar o padrão da sociedade. Não se deve negligenciar a importância deste grupo dentro da classe trabalhadora, para que não percam o rumo, dedicando seus pensamentos apenas aos objetivos políticos e econômicos imediatos, uma vez que *It is easier for a few to improve the material conditions of the many than for a few to waken a great many from the hypnosis of immature emotional satisfactions*.¹¹ Hoggart aceita sem restrições a função do intelectual como guia espiritual das massas, uma posição que o inclui entre os missionários. Como visto acima, o crítico funde seu discurso com toda uma tradição crítica conservadora (ou por vezes liberal-conservadora, como a proposta de intervenção cultural em Leavis), situando seu discurso numa esfera à qual, tradicionalmente, não pertence. Ao mesmo tempo, coloca-se como defensor irredutível dos interesses de sua classe de origem. O resultado é que Hoggart visualiza uma ação que só pode ser desencadeada pelos que, como ele, enxergam com outros olhos a realidade. O intelectual passa a constituir, como em Mannheim, uma esfera à parte, que possibilita uma certa síntese dos valores de toda uma sociedade (posição

⁹ ‘Fiction and the writing public’, in *What I came to say*, pp. 24.

¹⁰ *The Uses of Literacy*, pp. 313.

¹¹ *Ibid.*, pp. 323.

confortável para Hoggart, deslocado de sua classe pelos novos mecanismos democráticos), um mundo ‘elevado’, de onde a invasão da indústria de massa pode ser vista e avaliada com precisão. A consequência lógica é a construção de uma dicotomia entre a ‘ordem’ antiga e a ‘desordem’ do novo, posicionando esta classe intelectual no primeiro grupo.

É difícil entender como Hoggart funde a *cultura universal* de Arnold com a sua *cultura operária*. Trata-se de uma ambigüidade talvez só resolvida pela confusão ideológica burguesa entre o particular e o universal, na tentativa de naturalizar seus valores, tornando-os absolutos. Hoggart parece ter se entusiasmado com os caminhos oferecidos pelo novo *welfare state*, com sua promessa paternalista de dignidade sem necessidade de revolução. Para ele, as oposições entre as classes seriam resolvidas pela ação de poucos, desta *minority* capaz de reconhecer os valores da classe trabalhadora e evitar o seu desaparecimento opondo-se ao comercialismo desumano da cultura de massas.

Finalizando, a cultura operária descrita por Hoggart não pode ser alienada das estruturas sociais que determinam sua existência. Ao incorporar elementos da cultura de massa mantendo uma certa lógica interna, uma coerência sustentada pela sua tradição, a classe operária, inserida no sistema como mão de obra a partir do final do século XVIII, recebe agora também uma nova qualidade, já há tempos adquirida pela classe média, a de consumidora, com uma particularidade fundamental: ao contrário da primeira, consome e produz. Explica-se a proximidade entre ambas as classes, tão abominada por Hoggart, cada uma contudo guardando certas características próprias. Em *The Uses of Literacy*, Hoggart propõe como solução o isolamento. A lógica do capitalismo tardio nega esta possibilidade, com sua necessidade de ampliação do consumo através de mecanismos de dominação cultural, na busca desenfreada por regiões ainda não domesticadas pelo capital, cada vez mais raras, ou pela ampliação do consumo individual em regiões nas quais o consumo já é a regra.

Hoggart descreve, mas falta-lhe a compreensão do processo. Preso nas algemas de uma tradição crítica burguesa, rende-se a Leavis e a Arnold. Aceita a nova política conservadora do *welfare state*, que condena a classe trabalhadora a ser indefinidamente uma classe subalterna. É nesse meio que vislumbra a possibilidade de salvaguardar sua cultura de perigos externos, através de uma classe especial, uma classe intelectual, da qual, devido às novas políticas educacionais do pós-guerra, faz parte. Esta aliança o impele a um conservadorismo saudosista, que acaba por não projetar no futuro nada mais que um passado distorcido.